

Corpos em conflito: O dilema ético na educação física escolar

Ângelo Luis de Souza Vargas

Ana Lília Ollé Galvão

Resumo

Discorrer sobre o sentido da ética na educação requer um exercício de historicidade e crítica acerca dos matizes ideológicos que circunscrevem toda a sociedade. Não só a produção do conhecimento, mas também as formas como os saberes se consubstanciam como produção, passam a constituir as encruzilhadas com que se depara o educador. No que concerne a Educação Física, a história não permite negar, que a manipulação ideológica fez com que sua prática levasse a rumos tortuosos e afastados dos verdadeiros princípios pedagógicos que devem nortear a educação como prática democrática. Não resta dúvidas, que uma das formas mais contundentes de exclusão social é a marginalização dos corpos. Por outro lado, uma prática pedagógica que se pretende inclusiva, deve se desvelar pela socialização do educando em todas as possíveis formas que se concretizam na corporeidade e na motricidade.

Palavra-chave: Educação Física, Ética, Pedagogia.

Abstract

Thinking about the sense of ethics in education requires an exercise of historicity and critique regarding two ideological viewpoints which circumscribe the whole of society. It is not only referred to a production of knowledge, but also to the ways how knowledge is consubstantiated with production, becoming dilemmas the educator has to deal with. Concerning Physical Education, history does not deny that an ideological manipulation led its practice to questionable directions away from true pedagogical principles which must guide a democratic practice. There is no doubt that marginalizing the body is one of the more radical forms of social exclusion.

On the other hand, a pedagogic practice aimed to be inclusive must pursue the socializing of students in all possible ways in which both corporeity and body movement are expressed.

Keywords: Physical Education; Ethics; Pedagogy.

1. Introdução

Refletir sobre Educação Física escolar constitui muito mais que um exercício acadêmico já que há no mínimo três décadas o tema ocupa o centro dos debates acerca das veredas pedagógicas. Em que pese as mudanças no panorama político e as investidas dos vários segmentos das sociedades em busca de transformações do *status quo*, a sociedade brasileira ao que parece, ainda não atingiu os níveis desejáveis de justiça social. Neste panorama de tentativas de construção de um modelo de sociedade mais justa, que, por conseguinte, requer a transformação de corações e mentes no sentido do (re)nascimento de um “novo” homem com um “novo” sentido para o conceito de cidadania, a evolução sistemática, prepondera como um dos pilares fundamentais. Refletir sobre a ação educacional tornou-se um exercício, cuja magnitude transcende as fronteiras pedagógicas modelares, circunscritas às instituições escolares e exigem uma perene ação de construção e desconstrução do conhecimento. Neste contexto de contorno dialético, o educador deve de fato e de direito, assumir o seu papel social de agente de mudanças que só se concebe exequível numa perspectiva tridimensional Mundo-Sociedade-Homem. Sob o ponto de vista positivista Conte nos ensinou que o sentido da produção do conhecimento, tem como produto o “saber”, que por sua vez é o meio para “prever” e assim “providenciar” os meios necessários para a mudança. Isto posto, não raro, o educador encontra-se diante de aporias tais como: sob o ponto de vista político até onde o domínio das técnicas constitui um meio eficaz para atingir os fins da ação educacional? Este ensaio propõe discutir sobre os aspectos sócio-políticos que demarcam as tramas em torno da Educação Física escolar no Brasil.

2. Desenvolvimento

Em Deukheim temos a lição de que quanto melhor conhecemos a natureza das coisas, maiores possibilidades temos de utilizá-la eficazmente. O educador é obrigado, por exemplo, a atenção da criança. Ninguém negará que ele a gerirá melhor, se conhecer mais exatamente a sua natureza (Deukheim, 2001, p.25). Vale ressaltar que o sentido da ação educativa aponta a formação do homem crítico que só é possível de ser concebido a partir do acesso às informações numa perspectiva que lhe permita os meios e as possibilidades de interpretação da realidade em que vive; destarte em Deukheim é possível asseverar este ponto de vista: Problema atual para as sociedades contemporâneas: como negar que seu estudo desinteressado possa conduzir à formulação de regras pedagógicas ... as crises e os conflitos sociais têm causas: Isso não quer dizer que seja proibido procurar suas saídas e remédios para eles. As instituições não são, nem absolutamente flexíveis, nem absolutamente refratárias a qualquer modificação deliberada. Adapta-las prudentemente ao seu papel respectivo, adapta-las umas às outras e cada uma delas à civilização onde se incorporam: eis um bom campo de ação para uma política racional, e, tratando-se de instituições de educação, para uma pedagogia racional nem conservadora nem revolucionária, eficaz nos limites em que a ação deliberada do homem pode ser eficaz.

Ghiraldelli Jr. (1989), ao discorrer criticamente sobre as "tendências" que nortearam a Educação Física no Brasil apontou para uma prática acrítica e desprovida de visão política por parte dos atores (os professores). No seu bosquejo histórico enunciou o "higienismo" como o norte que inaugurou a "disciplina" e no traço contínuo da história, denunciou os cunhos "militarista", "pedagógicista" e "competitivista". Para o autor, já na década de 80 a educação brasileira carecia de uma Educação Física onde os "corpos" deveriam ser socializados e o conhecimento produzido imperativamente deveria desencadear as tramas sociais das "classes populares".

A esta utopia, (tendência) chamou de Educação Física "Progressista". Tal proposta emergiu diante das prementes

mudanças no panorama político nacional e da esperança de profundas transformações sociais.

Todavia o curso da história conduziu a um período de intensas discussões acerca dos objetivos e fins da educação. No que respeita a Educação Física, veio emergir dos meios acadêmicos uma corrente de intelectuais que não só vai questionar as praxias como também, vai propor um marco teórico para a concepção desse "homem novo" cuja existência vai ser percebida através do corpo. Cabe ainda enunciar que embora os professores tenham atentado para esta emergente linha doutrinária, as instituições e as comunidades educativas não se encontravam preparadas para mudanças nas ações pedagógicas.

Freire (1989) de forma emblemática discorre sobre as restrições às liberdades do educando que se tornam, por sua vez, patentes com o cerceamento dos corpos no sentido da imobilidade: "Mas esse problema da restrição ao movimento não começa no primeiro dia de aula, na escola de 1º grau. As crianças começam a sofrer os efeitos dos equívocos educacionais desde cedo, já nas escolas maternais e nas pré-escolas. Apesar de nessa fase escolar não terem de ficar sentados todo um período do dia, ou se enquadrar numa disciplina do tipo militar, esses pequenos têm seus passos gradativamente reduzidos e orientados para umas poucas trilhas: aquelas que os conduzirão, em "segurança", para a escola e para a "vida"... Existe um rico e vasto mundo da cultura infantil repleto de movimentos, de jogos, da fantasia quase sempre ignorado pelas instituições de ensino". (p.13)

Incontestável e basilar foi o contributo de Sergio (1996) ao propor na sua "Epistemologia da Motricidade Humana", o desenvolvimento humano de forma multidimensional. O corpo para o mestre é a capital da existência humana cujo sentido se insere numa compreensão da "corporeidade" com todas as suas nuances. O homem (o educando) só pode se desenvolver pela motricidade, cujos pilares não são apenas biológicos, mas também, socioculturais e sobretudo, amparados numa condição fundamental: a liberdade.

Não obstante, é justamente sobre este conceito de liberdade que se insere a crise no que diz respeito a Educação Física na escola. Nunca dantes, uma crise se tornou tão sensível nos meios acadêmicos.

Emergiram questões a respeito de conteúdos e metodologias e ainda concernentes aos objetivos. Alguns aspectos foram mais visíveis, como os fundamentos da prática esportiva no ambiente escolar. Questões acerca do caráter elitista e segregador do esporte que se tornou concreto no reprodutivismo do esporte de alto rendimento na escola. Ainda neste sentido, foram questionados os valores que nortearam as atividades gímicas: quais seus verdadeiros objetivos? Teria como fim um conceito de saúde puramente biológico? Importa asseverar que a concepção de um homem “uno e indivisível” (Vargas, 2005) já permeava as fundamentações pedagógicas da época e, portanto refutavam a dimensão puramente biológica do homem. Também foram questionados os sentidos pedagógicos dos jogos: Em que fundamentos estariam eles amparados? Quais os objetivos? A reprodução do *Status quo* ou a transformação do contexto social?

3. Contra a Marginalização na escola - o paradigma da Inclusão Social

Na década de 80 a Educação Física de forma incontestável vai afirmar um processo de desconstrução das bases acriticas e biologizantes que alicerçavam sua prática e passa-se a sedimentar novos pilares filosóficos. Importa destacar o discurso político que passa a permear as práticas profissionais.

Questões como “inclusão social”, “capital cultural” e “cidadania global” passam a fazer parte do rol temático no que concerne a prática pedagógica. Destarte, o professor como um ator social, “ser político” e no desempenho de sua função social - um “agente de mudanças” vai interferir na construção do processo histórico da sociedade.

Não haveria mais espaço no contexto social para a omissão política, para a inocência profissional e, sobretudo para a neutralidade. O professor de Educação Física, vai reclamar e assumir o seu espaço como um interveniente, no sentido de contribuir para o delineamento das estratégias institucionais e para a construção das ações pedagógicas e; neste sentido a lição de Rosado (1998) é basilar: “Refletir a Educação Física... pode constituir um exercício

acadêmico ou intelectual, mas deixa de ser também uma preocupação científica relativa a um conjunto de disciplinas de grande interesse no estudo do homem em movimento... As diversas nuances que a Educação Física encerra enquanto disciplina científica aplicada ultrapassa a mera transmissão de técnicas mais ou menos desportivizadas. Mais do que isso, ela abrange o comportamento humano no âmbito de um estilo de vida saudável e comprometido com a ética das relações humanas” (Rosado, 1998, p.7).

Outra questão que merece destaque concerne aos aspectos morais e éticos da ação educativa. Na trajetória histórica da educação brasileira, não raro, a instituição escolar vai emergir como um lugar “divorciado” do “mundo real”. No edifício escolar, a utopia é levada ao último termo como se os professores fizessem parte de “uma corte” cujo castelo, com suas regras e cenários, pudessem proporcionar aos súditos (os alunos), um sonho muitas vezes não realizável. Importa asseverar que a base da ação educacional se constrói na filosofia que por sua vez vai possibilitar a utopia. Contudo é preciso lembrar que utópico é o produto e não os meios. Eles, os meios, muito pelo contrário, devem surgir da concreta realidade do contexto do professor e do aluno sob pena de uma empreitada acética e capaz de reproduzir a exclusão social.

Em Pedro Demo no seu “Charme da Exclusão Social” (1998) depreende-se que “a exclusão seria noção familiar nos últimos anos, destinada a retratar a angustia de numerosos segmentos da população, inquietos diante do risco de se ver um dia presos na espiral da precariedade, acompanhando o sentimento quase generalizado de uma degradação da coesão social ... se trata de termo ainda equivoco, abarcando um universo de preocupações tais como: a) precariedade do emprego, ausência de qualificação suficiente, desocupação, incerteza do futuro; b) uma condição tida por nova, combinando privação material com degradação moral e dessocialização; c) desilusão do progresso. Busca então distinguir entre precariedade e exclusão, colocando a primeira como estágio anterior ... (Demo, 1998, p.17).

Interpretar para compreender e edificar estratégias de transformação da realidade contextual. Esta parece ser a meta da educação. É oportuno salientar que este homem com capacidades

críticas e transformadoras, só emergerà na medida em que lhe seja oportunizado as condições mínimas necessárias da compreensão de sua cultura e dos comportamentos dos seus pares.

Norbert Elias no seu "Processo Civilizacional" ressalta que: ... é obvio que a mudança na maneira de os homens conceberem a figuração dos astros não teria sido possível, se não houvesse sido fortemente abalada a imagem que os homens antes tinham de si próprios, se os homens não tivessem a capacidade de se virem a uma outra luz. O modo de experiência primário para os homens é aquele em que eles, estão no centro dos acontecimentos universais, tanto quanto pessoas singulares como enquanto grupos. A imagem geocêntrica do mundo é a expressão desse autocentrismo espontâneo e irrefletido, que ainda hoje se encontra de maneira bastante inequívoca no pensamento dos homens fora dos domínios da natureza, ou seja, por exemplo, nos modos de pensar sociológicos centrados na nação ou no individuo isolado" (Elias, 1989, p.39).

Com efeito, na contemporaneidade não é possível conceber que os meios de educação estejam circunscritos ao edifício escolar e por conseqüência na "fala" dos professores. É preciso pautar que vivemos em uma "sociedade de comunicação" e que os meios midiáticos transmitem de forma deliberada e aleatória, os conceitos e informações sem que muitas das vezes os expectadores (consumidores) tenham o capital cultural pra interpretar o verdadeiro sentido da informação, sobretudo, sob o ponto de vista político.

Bourdieu no seu "Contragofos", (1998) elabora uma análise crítica da função da televisão, do jornalismo e da manipulação política das informações: "é preciso ter muita fé nas capacidades de resistência do povo (capacidades inegáveis, mas limitadas) para supor como certa "crítica cultural" dita pós-moderna, que o cinismo profissional dos produtores de televisão, cada vez mais próximos dos publicitários em suas condições de trabalho, em seus objetivos (a busca da audiência máxima, portanto do "pouco mais" que permite "vender melhor") e em seu modo de pensar, possa encontrar seu limite ou seu antídoto no cinismo ativo dos expectadores... a exemplo do que fazem certos hermeneutas "pós-modernos" tomar por universal a aptidão de praticar, a exacerbação reflexiva de uma

“leitura” crítica ... engendradas pelo cinismo manipulador dos produtores de televisão e dos publicitários, é o mesmo que incidir numa das formas mais perversas de ilusão escolástica em sua forma populista” (Bourdieu, 1998, p. 103).

A ação educacional, já tão permeada pelo vocábulo (adjetivação) “inclusão”, deve transcender o conceito de cidadania nacional (não se trata relegar a plano inferior a cultura de gênese) e possibilitar a incursão do educando e em uma dimensão global. Por sua vez o vocábulo “globalização”, de forma costumeira, veio substituir o termo “pós-moderno”, que significou desde o início do século passado, tudo aquilo que não poderia ser inserido na lógica das políticas sociais ou nonexo causal da produção dos saberes. Hodiernamente negar o acesso às informações internacionais é corroborar para a exclusão e contribuir para uma espécie de marginalidade planetária.

Em Morin (2002) aprendeu-se que o conhecimento pertinente deve afrontar a complexidade. “Complexus” significa o que é tecido em conjunto; com efeito, existe complexidade desde que sejam inseparáveis os elementos diferentes constituindo um todo (como o econômico, o político, o sociológico, o psicológico, o afetivo, o mitológico) e desde que exista tecido independente, interativo e inter-retroativo entre o objeto de conhecimento e o seu contexto, as partes e o todo, o todo e as partes, as partes entre elas. A complexidade é, desta forma, a ligação entre a unidade e a multiplicidade. Os desenvolvimentos próprios da nossa era planetária confrontam-nos cada vez e mais e cada vez mais irrelutavelmente com os desafios da complexidade.

Por conseguinte “a educação deve promover uma “inteligência geral” apta a referir-se ao complexo, ao contexto, de forma multidimensional e numa concepção global” (Morin, 2002, p. 42).

A “complexidade” das sociedades contemporâneas exige um elevado grau de discernimento e assimilação de novos valores. A aldeia midiática se incumbem de transformar os valores e subverte-los a novas ordens exigindo, portanto, dos educadores, uma constante intervenção no sentido de possibilitar ao educando as imperativas interpretações. A guisa de exemplificação do perigo da subversão dos valores poder-se-ia citar o esporte na escola como um dos meios

e objetivos da Educação Física. Por ser impossível o controle total da mídia, o “desporto de alto rendimento” com seus princípios norteadores e fins a atingir, exerce sobre o educando o natural fascínio das imagens (heróicas e vitoriosas) e da idolatria pelos atletas. Todavia, não raro, sob o ponto de vista do complexo axiológico, o “vencer a qualquer custo” pode significar lançar mão da violência (antidesportiva) e de outros meios escusos, o que significa em um contexto de moral consensual, a subversão dos valores em função do resultado (fins e objetivos). Vale ressaltar que um dos misteres da ética profissional é o pilar tridimensional com base na ética stricto senso, na técnica e no aprimoramento profissional (Drumond in Tojal et al, 2004). Isto posto, importa depreender o papel fundamental do Professor de Educação Física como mediador neste processo em que da sua intervenção, depende o sucesso da ação educativa.

Vivemos num mundo globalizado e “plano” segundo Friedman (2005). O tempo na sociedade da comunicação deixou de ter apenas como parâmetro o cronos e se torna concebível, pela constante busca de nivelamento entre os estados no que diz respeito às informações e as capacidades de produção e utilização dos bens. O acesso as informações e a capacidade de interpretá-las sob o ponto de vista axiológico, tornou-se um mister para o exercício da cidadania global (p.305).

É imperativo depreender que ao homem do nosso tempo não é mais permitido o isolamento, a neutralidade política, e a opção pelo “desconhecimento” das causas e salientar que a ciência não pode estar divorciada da filosofia, da política, enfim, da consciência do lugar que ocupamos no cosmo (sociedade) sob os pilares da temporalidade e da dimensão espacial.

Sobre “A inteligência da Complexidade”, Morin e Moigne (2002) discorrem sobre a indissociabilidade da consciência e da construção científica do conhecimento: “ciência com consciência se refere evidentemente a célebre frase de Rabelais, frase pedagógica por excelência: ciência sem consciência é somente a ruína da alma. Na Renascença, quando nasce a ciência moderna, antes mesmo que ela tenha sua autonomia e seu grande desenvolvimento, na visão humanista da renascença, a sociedade sabe que a ciência tem

sempre qualquer coisa a ver com a consciência, no sentido ético e moral do termo. Um puro saber operacional é somente a ruína da alma. Mas deve ser bem entendido que Rabelais não pensava num puro saber operacional tal como daquele manipulado, por exemplo, em uma bomba termonuclear, que, mais do que a ruína da alma, talvez seja também a ruína do ser” (p.27)

O homem é o centro do cosmo e “senhor” dos seus desígnios. Com o poder de “manipular” os objetos e os fatos, assume o controle do seu habitat (sociedade). Assim tem total possibilidades de construir a história, manipulando e relativizando as “verdades” adstrito do momento político. Contudo a bússola e o norte de suas ações estão sob os pilares dos valores e, portanto, as conseqüências dos fatos podem fugir ao seu controle, mas nunca das possibilidades de previsão das conseqüências (desastrosas ou não).

Avulta, portanto, a capital importância do discernimento sob o ponto de vista ético e moral que deve ser inerente a ação do educador.

Pergoraro (2002) infere que “o homem tem o poder de manipular a tecno-ciência, segundo suas intenções, que podem ser filosóficas, éticas e politicamente elevadas ou terrivelmente perversas. Cabe, portanto, à filosofia e à ética criar as condições de convergência positiva e construtiva entre a tecno-ciência e as intenções humanas. Isto significa que não basta o conhecimento científico da constituição física e biológica das coisas, mas é preciso aliar este conhecimento ao horizonte ético. Portanto, o uso positivo da tecno-ciência, em si um produto do gênio humano, depende do horizonte ético pelo qual balizamos nossa relação com a natureza e com a ciência” (p.36).

Sob o ponto de vista normativo a ação do Profissional de Educação Física esta devidamente assegurada legalmente pela Lei Ordinária Federal número 9696 de setembro de 1998. Contudo, a personalidade jurídica não constitui nenhuma garantia a principio, de que a sociedade estaria contemplada pela ação ética do profissional. Destarte, o Código de Ética do Profissional de Educação Física, vai elencar como um imperativo de ordem moral os princípios e diretrizes que irão nortear a ação profissional.

O exercício profissional em Educação Física pautar-se-á pelos seguintes princípios:

- a) O respeito à vida, à dignidade, à integridade e aos direitos do indivíduo;
- b) a responsabilidade social;
- c) a ausência de discriminação ou preconceito de qualquer natureza;
- d) o respeito à ética nas diversas atividades profissionais... (CEPEF, Cap. II, art. 4º).

Reafirmando o compromisso com a ética e a moral consensual o Documento "Intervenção do Profissional de Educação Física", elaborado por uma comissão de especialistas sob os auspícios do CONFEF, vai ressaltar o compromisso do educador e os perigos de uma ação laborativa divorciada dos valores: "Esse cuidado justifica-se em função da notória importância da Educação Física, no encaminhamento de soluções para problemas sociais educacionais e de promoção da saúde. A atividade física e o desporto constituem fenômeno educativo e sócio-cultural de valor inquestionável, desde que atenda ao requisito de ser conduzido, orientado e ministrado por profissionais qualificados e habilitados" (D.I.P.E.F; 2002, P:6).

Asseveramos sobre esta linha de pensamento quando enunciamos que "o sujeito da ética é o homem e os homens se distinguem pelos valores que vivem. Antes de assumir formas objetivas, a atividade humana é projetada subjetivamente por homens que vivem determinados valores. Ao objetivar-se realizam valores. Valorização do mundo através da criação intelectual, ética e estética... A ética dirige-se à vontade e à consciência do ser humano. Mais do que ciência, Ética é sabedoria. Cada sociedade tem sido caracterizada por seus conjuntos de normas, valores e regras" (Vargas, 2007, p. 2).

Ao retomarmos a discussão sobre a prática desportiva na escola, é mister que tenhamos como parâmetros os preceitos éticos e morais. Cabe a indagação de ordem fundamental: O que diferencia o desporto com objetivo de alto rendimento e o desporto com objetivo educacional? Nada menos que a ética. Sim a ética, já que embora no "esporte educacional" o regramento específico da modalidade possa

ser adaptado às características do contexto, não é este fator que fundamenta a ação pedagógica, mas sim os valores que norteiam a intervenção do profissional... Entendemos que o esporte na escola tenha como fim “o desenvolvimento harmonioso do ser humano. Não se trata de uma maratona e muito menos de um record a ser quebrado. Também não é uma competição de alto desempenho, uma corrida de obstáculos intransponíveis, um espetáculo de gladiadores contra as feras do radicalismo e dos fanatismos. No momento em que o processo civilizatório está ameaçado por um retorno à barbárie, todos os homens e mulheres estão convocados a transformar em realidade o sonho e a utopia de um mundo de paz. A humanização do ser humano através do esporte não pode ser enfrentada como uma missão impossível. Acreditar que é possível realizar o impossível é uma contribuição que está ao alcance de cada um de nós” (Vargas, 2006, p. 39).

Importa também, referir, a influencia do Movimento Olímpico (através da mídia) nas propostas pedagógicas. Contudo, ainda assim, se o interventor não se assegura dos valores norteadores da ação educacional, passa a correr o risco de transgredir as fronteiras entre a realização humana do educando e o alto rendimento.

Para Tubino (2007) “O Olimpismo... de acordo com a Carta Olímpica, é entendido como a base filosófica que envolve o movimento olímpico e exalta as qualidades do corpo, a vontade e o espírito, associando-se ao esporte, à educação e à cultura. O Olimpismo é considerado a própria filosofia do esporte, contribuindo para um estilo de vida das pessoas, pela: alegria do esforço físico, valor educativo do bom exemplo e respeito pelos princípios éticos universais ... Há um consenso mundial de que o Olimpismo é a manifestação suprema do esporte, pois representa a ética esportiva e constitui-se em sua maior expressão (Tubino, 2007, p.7).

Ainda ao discorrer sobre a relação entre os conteúdos do desporto e os objetivos a ser atingida pela Educação Física (Rosado, 1998 op. cit) afirma que; “A facilitação do desenvolvimento pessoal e social faz-se no interior de uma comunidade, em particular num contexto social próximo... na sala de aula ou no treino, na escola e no clube... a atmosfera moral representa mais um conteúdo da Educação Física e do desporto... repare-se que esta idéia de clima

enquanto ambiente de relação se estende a outros espaços que não estritamente os da sala e da escola ou do terreno desportivo; o clima da comunidade ou do território, por exemplo, constituem fatores educativos fundamentais” (Rosado, 1998, p. 77).

É preponderante assinalar “que a prática esportiva no contexto contemporâneo desvela muito mais que uma necessidade intrínseca do ser humano adstrito de um “mundo plano”, onde a ausência de possibilidades lúdicas é premente e o sentido do efêmero nas relações sociais chega a patamares extremos na convivência entre pares, obrigando-nos por vezes a experienciar de forma constante e latente a impermanência dos valores e da própria vida” (Vargas, Pimentel e Lames, 2008, p.15).

4. Conclusão

Neste contexto de impermanência e constantes transformações dos valores, é irrefutável a importância do compromisso do professor no que tange ao desenvolvimento “integral” do estudante. A ação pedagógica como discorremos neste texto, deve estar centrada no contexto social sem, contudo divorciá-la das normas políticas planetárias da “aldeia globalizada”. Especificamente nas aulas de Educação Física, é preciso que tenhamos em mente que os corpos que se movimentam ludicamente, desportivamente ou intelectualmente, estão em permanente conflito adstrito das mudanças axiológicas. Estes corpos são muito mais que a soma das dimensões biológicas e afetivas; são corpos que atingem suas completudes na complexidade da motricidade humana e o desporto, pode constituir um meio para este fenômeno. Em Manuel Sergio (2003) é possível assimilar a lição: “este é o desporto que eu acredito. Conserva intacta a função biológica do desporto percebido à maneira antiga. Mas acredita firmemente que tem uma função social e política, por outras palavras que se situa na esfera da responsabilidade social. Pensando bem, talvez possa mesmo adjetivá-lo de político. Isso mesmo... Um desporto político! Porque recusa a opinião do privado, do ínfimo, do subjetivo e aceita o domínio da categoria do encontro e do intersubjetivo”. (Sergio, 2003, p.93).

Viver a educação é viver ao mesmo tempo a construção e a transformação perene do homem. É preciso asseverar que esta empreitada da humanidade trata-se de insofismável projeto político, cujos ingredientes são equilíbrio, desequilíbrio e conflito. Assim é impossível não admitir que na escola os corpos estejam em constante conflito.

5. Referências

- Bourdieu, P. (1998). *Contrafogos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Confef (2002). *Intervenção do Profissional de Educação Física*. Rio de Janeiro: CONFEF.
- _____. (2002). *Código de Ética do Profissional de Educação Física*. Rio de Janeiro: CONFEF.
- Rosado, A. (1998). *Nas margens da educação física e do desporto*. Lisboa: Edições F.M.H..
- Durkheim, E. (2001). *Educação e sociologia*. Lisboa: Edições 70.
- Elias, N. (1989). *O processo civilizacional*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- _____. (2001). *A solidão dos moribundos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Freire, J. B. (1989). *Educação de corpo inteiro*. São Paulo: Scipione.
- Friedman, T. L. (2005). *O mundo é plano - uma breve história do século XXI*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Ghiraldelli junior, P. (1989). *Educação física progressista: a pedagogia crítico-social dos conteúdos e a educação física brasileira*. São Paulo: Loyola.
- Morin, E. (1999). *Os sete saberes para a educação do futuro*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Morin, E., Le Moigne, J. L. (2002). *A inteligência da complexidade*. São Paulo: Petrópolis.

- Pergoraro, O. A. (2002). *Ética e bioética - da subsistência à existência*. Petrópolis: Vozes.
- Sergio, M. (1996). *Epistemologia da motricidade humana*. Lisboa: Edições F.M.H..
- _____. (2003). *Para uma nova dimensão do desporto*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Tojal, J. B.; da Costa, L. P. Beresford, H. (2004). *Ética*. Rio de Janeiro: Shape.
- Tubino, M. (2007). *O que é olimpismo*. São Paulo: Brasiliense.
- Vargas, A. (2007). *Ética: ensaios sobre educação física saúde social e esporte*. Rio de Janeiro: LECSU. p.121.
- _____. (2006). *Esporte e realidade - conflitos contemporâneos*. Rio de Janeiro: Shape.
- Vargas, A.; Pimentel, F.; Lames, C. (2008) *Questões do esporte - coletivo de autores*. Rio de Janeiro: LECSU.
- Vargas, A.; Pimentel, F.; Galvão, A. (2008). *Esporte - Polêmicas do nosso tempo*. Rio de Janeiro, Câmara Municipal do Rio de Janeiro.

Sobre os autores

Angelo Luis de Souza Vargas é Professor visitante dos Programas de Pós-graduação Strictu-sensu da Universidade Autônoma de Asunción; Doutor em Ciências da Motricidade Humana pela Faculdade de Motricidade Humana da Universidade Técnica de Lisboa; Doutor em Educação Física (reconhecimento) pela Universidade Gama Filho; Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro; Delegado da FIEP para o Estado do Rio de Janeiro; Advogado, Profissional de Educação Física; Pedagogo; Professor visitante da UAA para os Programas de Mestrado e Doutorado.

Ana Lília Ollé Galvão é graduada em Educação Física pela Universidade Estácio de Sá; Pesquisadora do Laboratório de Estudos da Cultura Social Urbana - Copacabana, Rio de Janeiro; Diretora Geral do Studio Ana Galvão - Treinamento Físico Personalizado - RJ.